



AMPLIANDO O CAMPO AUDITIVO PARA A LÍNGUA INGLESA: atividades de motivação para o aprendizado¹

Wesley Alves Siqueira*

Renata Francisca Ferreira Lopes**

RESUMO

A motivação de *learners* tem sido um dos temas mais discutidos em eventos acadêmicos e profissionais da área de língua inglesa, dado o recorrente insucesso dos processos de ensino-aprendizagem no ensino regular. Neste relato de experiência tratamos de uma atividade de sensibilização para o aprendizado que opera a) a identificação de diferentes fonemas e suas respectivas pronúncias; b) diferentes arranjos linguísticos, facilitando pronúncia e audição; e trabalha aspectos que facilitam a aprendizagem para os distintos estilos de aprendizagem. Parte de uma proposição de sensibilização e motivação para se aprender inglês, por um viés que engloba corpo e língua.

Palavras-chave: Sensibilização. Motivação. Aprendizizes.

1 PRIMEIRO MOVIMENTO: de uma ideia de escola para uma de sala de aula

“Escola – lugar onde tudo pode acontecer, menos o ensino de competências e de habilidades. Se não, é canil.” É a partir desse provocador verbete, de Corazza e Aquino (2001, p. 51), que pensamos o ambiente escolar. Muito comum em cursos e treinamentos para educadores, o ensino/trabalho a partir de competências e habilidades tem ganhado fôlego e se tornado uma das principais discussões na área da educação. Pensando o nosso contexto, em que se prevalece o ensino profissional, esse discurso ganha ainda mais força e nos deixa, de

¹ Relato de experiência, com turmas do Ensino Médio e Técnico Subsequente no IFMT Campus Barra do Garças, apresentado no XVI Encontro de Professores de Inglês – **Our turn: public school teachers as meaning-makers**, em Rondonópolis - MT.

* Mestre em Educação pela Universidade Federal do Mato Grosso. Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso – *Campus* Barra do Garças.

** Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso – *Campus* Barra do Garças. Atua no ensino de português e inglês.

certo modo, ‘reféns’ de uma proposição de ensino de técnicas, em que seja possível a aferição da execução, se certas ou erradas (leia-se avaliação), num período de tempo cada vez menor, sem a preocupação direta com o potencial de aprendizagem e criador de nossos estudantes. Em outras palavras, pensa-se o processo educacional a partir, e, por vezes, somente, de ações independentes, mínimas e insípidas no que tange à produção em língua estrangeira. Há uma junção aqui da proposição de educação mercadológica ao discurso educacional do aprender a fazer, neste caso, sem reflexão.

Reflexo direto desse movimento tem sido o insucesso do ensino-aprendizagem de inglês no ensino regular. Associam-se a este: a dificuldade do trabalho em sala para o ensino das quatro ‘habilidades’ comunicativas; a não progressão no aprendizado; a indisciplina, uma vez que os estudantes não percebem o ensino da língua-alvo enquanto possibilidade concreta de aprendizagem e uso, entre outros. Fatos que reforçam a construção de crenças que pensam a escola regular como ambiente em que não se é possível o aprendizado de uma língua estrangeira.

2 SEGUNDO MOVIMENTO: da importância à possibilidade do aprendizado de uma língua estrangeira

É sabido que a busca pelo aprendizado de línguas tem se dado por várias razões, sejam elas: a necessidade do aprendizado devido a uma imersão num contexto em que esta língua seja língua-mãe; a busca por necessidades específicas (acadêmicas, profissionais etc.); o currículo escolar em que aprendizes são obrigados a aprender; a atração pela cultura no entorno dessa língua; a busca por desenvolvimento pessoal, entre muitas outras. O que é de essencial importância destacar, é que sempre há um motivo. E se essa motivação não é interna ao aprendiz, é externa, e, em ambos os casos o professor deve buscar formas e caminhos para que se aumente a motivação desses aprendizes.

“Aprender não é operação simples. É um processo complexo, geralmente submetido a padrões e, por isso, frequentemente experimentado como um acontecimento frustrante e até mortal.” (FUGANTI, 2009, p. 24). Quando pensamos a importância do aprendizado, nem sempre nos damos conta de como ele pode ser difícil. Faz-se necessário também pensar os caminhos que serão percorridos pelos nossos estudantes a fim de que a aprendizagem aconteça.

Quando tratamos da aprendizagem de uma língua estrangeira, compreendemos que aprender, nesse caso, implica na possibilidade da extensão da percepção do estudante acerca

de uma nova cultura, em que horizontes maiores e, por vezes, novos, tornam-se ferramenta para o trabalho no/e com o cotidiano, seja o mercado profissional, convívio com outras pessoas, o estudo etc. Assim como preconizam os PCNs e as Diretrizes Nacionais para Educação, a língua-alvo, nesse contexto, deve ser compreendida enquanto possibilidade de seu falante engajar-se, compreender e modificar ambiente no qual é falada. E, para se engajar e, logo, querer aprender, o estudante precisa conhecer a si e o modo pelo qual aprende.

Pesquisas em linguística aplicada têm apontado que a reflexão de estudantes sobre o próprio processo de aprendizagem os ajuda a obterem resultados melhores na produção na língua-alvo. Frente a esse desafio de oportunizar ferramentas para reflexão de como se aprende e também de estimular a autonomia e a motivação, no que se concerne ao aprendizado, apresentamos uma estratégia de estudo e uso da língua a fim de sensibilizar e ampliar o campo auditivo dos estudantes para o inglês.

3 TERCEIRO MOVIMENTO: da experiência às considerações

Para Goh (2003, p. 78), “uma reclamação constante de estudantes de idiomas é que muitos falantes do idioma estudado falam rápido demais. Na maior parte do tempo, essa percepção de velocidade decorre da incapacidade do aluno reconhecer as modificações fonológicas em um fluxo de fala.” Nesse contexto, o papel do professor é oferecer ferramentas para que o aluno reconheça essas modificações, para também aprender a produzi-las. Mais do que isso, é necessário que essa oferta contemple diferentes estilos de aprendizagem, afinal os estudantes podem ser visuais, auditivos e/ou cinestésicos...

‘Da experiência’². O trabalho se dá a partir da percepção das variações fonológicas em músicas de língua inglesa. Neste trabalho³ optamos pelo uso da canção **Mr. Rock and Roll** da cantora escocesa Amy Macdonald, lançada em julho de 2007.

O primeiro passo é pedir a atenção dos estudantes à audição da música. Após ouvi-la, sem a letra em mãos, os estudantes são questionados acerca de sua percepção da música: qual a sua capacidade de reconhecer os sons da língua inglesa? Ao ouvir sem a letra, qual a sua compreensão do texto/assunto? Logo após, de posse da letra e a acompanhando, ouve-se novamente a canção. Ao final, questiona-se: ao ouvir com a letra, qual a sua compreensão do texto/assunto?

² Deixamos o crédito de criação da proposta à professora Miriam Harue Tsugawa com quem aprendemos a utilizá-la. < <http://www.mhtcoaching.com.br/> >.

³ Agradecemos aos nossos estudantes que têm colaborado para que pensemos a sala de aula enquanto laboratório – ambiente em que experimentos em educação são realizados.

Esse primeiro passo, nos leva a questionar junto aos estudantes qual o motivo do reconhecimento da pronúncia e significado de palavras quando isoladas e o seu não reconhecimento quando pronunciadas juntas a outras. É dessa dificuldade inicial que partimos para a apresentação de alguns procedimentos de variação fonológica que facilitarão o aprendizado. O primeiro deles:

- “e” silencioso – todo “e” final é letra, mas não se constitui enquanto som em língua inglesa. São exceções: palavras monossilábicas como, por exemplo, the /ði/; palavras que terminam em dois “ee” como, por exemplo, see /si/.

Assim, os estudantes são instruídos a riscar todos os “e”s finais da letra da música. Destaca-se, que para atividade são utilizados lápis coloridos ou canetinhas, a fim de que se distingam os diferentes procedimentos de variação fonológica. Peguemos o refrão da música para análise:

*And they'll meet one day
Far away
And say I wish I was something more
And they'll meet one day
Far away
And say I wish I knew you, I wish I knew you before*

O segundo procedimento diz respeito ao:

- “g” final das construções –ang, -eng, -ing, -ong e -ung: assim como o “e” final, é letra, mas não é som. Cabe aqui destacar, que não se compreende ele enquanto o som do “g” final de outras construções, por exemplo, como o que ocorre com a palavra big /big/. Nas terminações –ang e demais, já citadas, a pronúncia do “g” se dá da seguinte forma /ŋ/. Tomemos como exemplo: bring /brɪŋ/, gang /gæŋ/, song /sɒŋ/.

De posse de outra cor de lápis, os estudantes são instruídos a riscar todos os “g”s finais nas construções -ang, -eng, -ing, -ong e -ung. Na música,

*And they'll meet one day
Far away
And say I wish I was something more
And they'll meet one day
Far away*

And say I wish I knew you, I wish I knew you before

O terceiro procedimento:

- Junção sonora: toda vez que uma palavra termina em som consonantal e a palavra que se segue inicia por um som vocálico, há uma junção fonética como, por exemplo, o que acontece no português com as palavras “pois” e “é” (pronunciadas, /poizé/).

Agora posse de outra cor de lápis, os estudantes são instruídos a estabelecer uma ligação entre as palavras que terminam por consoante às que se iniciam por vogais. Na música,

And they'll meet one day

Far away

And say I wish I was something more

And they'll meet one day

Far away

And say I wish I knew you, I wish I knew you before

O uso das diferentes cores permite que o estudante materialize as variações fonológicas que ocorrem na língua. Estimula, assim, a concentração dos aprendizes que são extremamente visuais e facilita a percepção de como se proceder para captar os sons daqueles auditivos. Aos cinestésicos, fica o nosso compromisso de tratar no próximo encontro de suas peculiaridades a partir da atividade aqui sugerida.

Há outros procedimentos que também podem ser explicados durante a atividade como, por exemplo: o “gh” que se constituirá como som no final das palavras (como em enough /ɪ'naʃ/), e não no meio (como em night /naɪt/); a pronúncia do “t” e “d” entre vogais no inglês americano, entre outros.

Ao sinalizar as variações na letra da música, o estudante se atenta a como se deve proceder para ouvi-las. Isso facilita a sua compreensão e permite que este consiga, no ato da fala, reproduzir variações de modelos já experienciados e, até mesmo, produzir novas construções.

Para Goh (2003, p. 78), “ao notar e entender os motivos para as variações fonológicas, seus alunos aprimoram seu conhecimento da tarefa, ou seja, a natureza do idioma falado e as exigências da Compreensão Oral em outro idioma.” A autora, salienta ainda que o conhecimento desses procedimentos é “[...] particularmente importante para alunos iniciantes,

pois a fase de percepção de sua compreensão não está automatizada e muitos ainda dependem, em grande parte, do processamento de baixo para cima como uma forma de ‘entrar’ na mensagem.” (GOH, 2003, p. 78). Assim, esta estratégia pode facilitar a forma como os alunos passarão a lidar com esses aspectos de variação fonológica e, logo, os auxiliarão na sua percepção em atividades, cujo foco seja a percepção sonora – exercícios de compreensão oral e, na nossa aposta, na produção oral. É o que tem acontecido em nossas turmas.

IMPROVING ENGLISH LANGUAGE LISTENING SKILLS: motivational activities for successful learning

ABSTRACT⁴

Learners’ motivation has been one of the most discussed subjects in academic and professional events of English, given the recurring failure of the processes of teaching and learning in regular education. In this account of our experiences, we discuss how to raise students’ learning awareness which operates a) the identification of different phonemes and their pronunciations; b) different linguistic arrangements, helping students’ pronunciation and listening, and we show tasks that facilitate the learning for different learning styles. We assume that the need of self-awareness and motivation to learn English is important, proposing in this way a strategy that encompasses body and language.

Keywords: Awareness. Motivation. Learners.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Lei nº 9394/96. Publicada no diário Oficial da União de 17 de dezembro de 1996.

_____. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação. Brasília: 1998.

_____. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio**. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Brasília, 1999.

CORAZZA, Sandra Mara & AQUINO, Julio Groppa (Orgs.). **Dicionário das ideias feitas em educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

⁴ Revisão realizada por Marki Lyons (CTLE – Revista **Eventos Pedagógicos**).

FUGANTI, Luiz. Aprender. In: AQUINO, Julio Groppa; CORAZZA, Sandra Mara (Orgs.) **Abecedário educação e diferença**. Campinas: Papirus, 2009.

GOH, Christine C. M. **Ensino da compreensão oral em aulas de idiomas**. Tradução de Rosana Ramos Cruz Gouveia. São Paulo: Special Book Services Livraria, 2003.